

Credores esperam medidas para acertar novo acordo

Roberto Garcia
Correspondente

WASHINGTON— As negociações da dívida brasileira com os bancos credores receberam novo ímpeto com a visita do ministro da Fazenda, Maílson de Nóbrega, aos Estados Unidos no decorrer da semana e segundo as previsões mais otimistas poderão ser concluídas até o fim da semana que vem. O congelamento temporário dos salários dos funcionários públicos federais e militares, bem como uma promessa de cortes equivalentes a US\$ 2,8 bilhões no orçamento federal parecem ter facilitado uma decisão sobre alguns dos itens que mais desafiavam os negociadores dos dois lados. Segundo promessas de Maílson, o governo Sarney está empenhado em reduzir de 7% para 4% do PIB as projeções do déficit orçamentário.

Para resolver alguns desses itens, contudo, o governo está fazendo concessões aos credores internacionais que deverão causar fortes contravérsias no Brasil. Em algumas de suas conversas com banqueiros, Maílson tem afirmado que não é político e que suas decisões na administração econômica do país têm o apoio do presidente da República. Sarney, acrescenta o ministro, está determinado a reduzir a intromissão do Estado na vida dos cidadãos, normalizar relações com a comunidade financeira internacional, modernizar a economia e desregulamentá-la a fim de que ela cresça mais desinibida no futuro próximo.

Os interlocutores internacionais de Maílson têm dito que a conclusão das negociações sobre o texto de um acordo com os bancos pode sair nos próximos dias, mas a assinatura do documento por mais de 700 bancos credores em todo o mundo será mais difícil, podendo levar ainda muitos meses.

O governo Sarney sabe que o congelamento temporário dos salários não foi suficiente para convencer os credores ou o FMI. Antes de aquela instituição internacional enviar sua missão de técnicos a Brasília, serão necessários os cortes adicionais.

Maílson espera desembarcar no Brasil com suas tesouras afiadas para anunciar uma sucessão rápida de medidas de austeridade e, logo em seguida, convidar a missão do Fundo. “Não sabemos exatamente se esse convite virá, ou quando”, disse um economista do FMI, lembrando que “essa espera às vezes é angustiante”.

Embora o Brasil tenha pedido que o diretor-gerente do Fundo, Michel Camdessus, envie telex aos bancos credores anunciando que as negociações começaram, há grandes dúvidas quanto aos efeitos práticos desse telex. “O importante é a conclusão das negociações, e não a abertura de negociações. Acho que vamos esperar para ver os resultados desse processo antes de assinar o acordo”, disse um banqueiro.